

# Um novo Congresso, com onze legendas

por Márcio Choer  
de Brasília

Quando o Congresso Nacional reabrir seus trabalhos, na próxima quinta-feira, um novo e complicado desafio estará à sua espera. O velho regimento da Câmara dos Deputados, criado para atender a apenas dois partidos, será o mesmo que valerá agora para nada menos que onze legendas. Onze líderes, ou seja, onze assinaturas para quando se precisar, por exemplo, imprimir urgência especial a qualquer proposição.

O regimento prevê que, uma vez por sessão, cada líder tem direito à palavra, pelo período de uma hora. Essa disposição deixou de ser aplicada quando ganharam assento na Casa os seis líderes atuais. Afinal, cada sessão é limitada em cinco horas e meia. Uma adaptação terá de ser feita agora para o período de comunicações de lideranças, para o qual o regimento prevê apenas meia hora.

O presidente da Câmara, Ulysses Guimarães, preocupado com a nova situação, já encomendou à sua

assessoria um estudo nesse sentido. "Isso é um absurdo", condena o ex-presidente da Casa, deputado Flávio Marçílio, para quem "a Câmara paga hoje pelo erro cometido no ano passado, quando se extinguiu a fidelidade partidária."

Além do PMDB, PDS, PDT, PTB e PT que disputaram as eleições de 82 e da Frente Liberal, que mesmo sem registro legal foi reconhecida pela Câmara no semestre passado, cinco outros partidos recém-fundados emprestaram suas legendas a deputados que pretendem disputar as eleições deste ano: o PSB, que recebeu Jarbas Vasconcelos e José Eudes; o PCB, de Roberto Freire; o PS, de Sebastião Nery; o PL, de Alvaro Vale; e o PDC, de Clemir Ramos.

A Câmara passará a viver situação semelhante à que vivia antes de 1964, quando atuavam no País treze partidos políticos. "Mas o quadro era outro", garante o atual vice-líder do PDS, Amaral Neto, "aqueles partidos formaram-se ao longo de quinze anos,

enquanto esses que estão aí são fruto da mais pura picaretagem". Ex-udenista, Amaral Neto não crê nem mesmo que o objetivo são as eleições deste ano — "90% desses candidatos estão-se preparando é para as eleições do ano que vem".

Já o secretário geral do PMDB, deputado Roberto Cardoso Alves, vê com bons olhos a reestruturação partidária. "É a transição", garante ele. No seu partido, por exemplo, ele enxerga um "processo de purificação", que já se previa desde a fundação da legenda. "O PMDB sempre foi uma frente, onde coexistiam desde a extrema esquerda até a extrema direita e que com a chegada do estado de direito cada macaco deve procurar seu respectivo galho." A esse processo, o dirigente pemedebista dá o nome de "cissiparidade", que ele mesmo explica o sentido — "é o fenômeno pelo qual determinados tipos de vermes têm seu corpo partido em duas ou mais partes e cada uma delas adquire vida própria".